

Artigo de opinião
(Lúcio Neto Amado)

Há Festa em Guadalupe!

Há festa em Guadalupe!

Há festa da Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira da cidade com o mesmo nome.

A antiga Vila de Guadalupe, elevada a categoria de cidade em 1980¹, foi palco de mais uma festa de carácter religioso, que se realiza há vários séculos no arquipélago de São Tomé e Príncipe. A festa é consagrada à imagem da Nossa Senhora de Guadalupe e tem lugar no mês de Outubro.

Breve historial!

“Identidade da Senhora de Guadalupe

Duas Senhoras de Guadalupe se celebram na Igreja; duas fontes de graças e de inúmeros templos tanto na Europa como na América e África...

Uma espanhola da aldeia de Alia nas margens do Guadalapejo (do árabe, rio escondido) à borda dos alcantilados montes de Toledo.

A outra, Mexicana, ao lado de Tepeyac onde a Senhora apareceu a João Diogo, índio, em cuja capa, milagrosamente, apareceu pintada a efigie da maternal Senhora, em Dezembro de 1531.

A Senhora de Guadalupe Santomense só pode ser a Castelhana. Em 1504, mais de vinte anos antes da aparição da Senhora no México já se dá por existente a freguesia de Guadalupe”.

In Pe. Francisco Vaz (1989) “San Men Dêçu – a Senhora Mãe de Deus”, Lisboa, pág. 171.

Situada entre a zona de Conde e Neves (norte da ilha de São Tomé), ela possui poucos apetrechos para poder ter a categoria de uma cidade.

O que lhe dá visibilidade é a estrada única que atravessa a actual *cidade* de lés-a-lés. Uma estrada bastante maltratada, com algumas edificações antigas construídas no tempo anterior a 12 de Julho de 75 do século XX.

Essa estrada de passagem que liga a povoação de Guadalupe a algumas praias e a antigas Roças coloniais, serve também, de corredor, a uma outra cidade – a cidade de

¹ Lei nº 5 da Assembleia Popular Nacional, denominada “Lei da Divisão Política e Administrativa”, publicada no Diário da República número 53 de 21 de Novembro de 1980.

No Capítulo III, Artigo 12º, lê-se: “Ao Distrito de Lobata correspondem as seguintes aglomerações urbanas:

- a) Cidade de Guadalupe;
- b) Vila de Santo Amaro;
- c) Vila de Conde;
- d) Vila de Micoló.

Neves – surgida no mesmo âmbito da primeira. A elevação de ambas as localidades à categoria de cidade parece ser uma destrambelhada obra de *engenharia* política.

As casas e os quintais que se vêem ao longo do percurso que se faz para atravessar essa «espécie» de cidade deixa o indivíduo num dilema, verdadeiramente assustador.

As infra-estruturas parecem não existir, alguns edifícios que se presume sejam, ainda da arquitectura colonial, sentem-se ultrajados devido à má conservação e a falta de restauro.

De um lado e do outro de quem sobe ou desce, nota-se uma espécie de abandono, de falta de conservação, de falta de qualquer «coisa» que não conseguimos explicar. Não é possível haver tanto lixo, num dia grande de Festa da Freguesia.

É, costume dizer-se que a tradição já não é o que... era.

Alguém de direito deveria ter providenciado no capítulo de limpeza, mobilizando os residentes a fazer uma verdadeira campanha de limpeza para dar um «rostro» lavado à povoação-cidade.

O lixo não parece fazer parte de coisa alguma. Incomoda e traz problemas de doenças de toda a natureza.

Noutros tempos, os locais que celebravam o dia do seu Santo Padroeiro, ficavam com uma «cara» lavadíssima, pintadas e ou caiadas², ninguém tinha a ousadia de atirar papéis, garrafas, latas e outros objectos para o chão. Era o orgulho de quem aí residisse.

Havia pudor quando alguém pretendia aliviar-se, quer se fosse do sexo masculino ou feminino. O pudor, no nosso país, tem, actualmente *vergonha* de sair à rua...

Hoje essas imagens, *essas coisas*, como alguns indivíduos fazem a questão de dizer, só existem na memória da geração que vai do princípio do século XX até ao final da década de 1960.

Enfim, mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

A exaltação da solenidade

A solenidade tem o seu ponto alto na celebração da missa seguida da procissão.

A Igreja católica trouxe a Santa Padroeira – Nossa Senhora de Guadalupe – para a ilha de São Tomé, nos idos tempos do século XVI³, pouco tempo depois do achamento deste emaranhado de ilhas, ilhéus e ilhotas, que emergem do fundo da cristalina água do oceano Atlântico.

O actual templo⁴ – foi restaurado no século XX – está literalmente de «cara» lavada, segundo os cânones próprios de um dia grande de Festa. Pintada e bem ornamentada teima em contrastar com o resto da «cidade».

Toda a zona exterior que limita a Igreja está bem cuidada, pintada, limpa, sem qualquer tipo de objectos atirados ao chão.

² Ver sobre este assunto a obra literária “Manifestações Culturais São-tomenses- apontamentos, comentários, reflexões”, (2011), 1ª edição, de L. Amado, pp. 108-119.

³ Esta data foi avançada pelo Excelentíssimo Bispo Dom Manuel António, no dia 5 de Outubro de 2014.

⁴ Consultar a obra do Pe. Francisco Vaz (1989) “San Men Dêçu – a Senhora Mãe de Deus”, Lisboa, pp. 171-176.

O seu interior tem uma passadeira encarnada, por onde passa o séquito que vai presidir a ambas as cerimónias: a missa e a procissão. O altar principal está coberto de lindas flores, velas, e outros apetrechos religiosos. O coro principal está na parte mais alta da Igreja⁵ entoando cânticos acompanhados por um órgão e uma bateria.

Há uma multidão de fiéis sentados nos bancos que se tornam escassos, devido a própria capacidade do recinto que não consegue acoitar todos.

Uma parte aparenta ultrapassar os 60 anos de idade e são na sua esmagadora maioria do sexo feminino⁶. Vê-se, contudo um outro grupo, igualmente de senhoras que está, «seguramente» na faixa etária dos 90/95 anos. Os homens desse prolongamento etário são raros.

Por estar lotada, muitos são os indivíduos que se sentam em frente às três entradas da Igreja.

Existem muitos jovens, sinal claro da renovação geracional que existe no país e que a Igreja não fica indiferente.

A Missa propriamente dita

Esta missa é uma cerimónia especial, pois ela segue preceitos muito mais prolongados do que a de uma missa efectuada no quotidiano das populações. Começou por volta das 11 horas e quinze minutos e terminou as 13 horas e cinco minutos.

Presidida pelo representante máximo da Igreja Católica de São Tomé e Príncipe, o Bispo Dom Manuel António, que traz uma vestimenta eclesiástica usada somente nos dias de grande solenidade. Ao seu lado está um Padre recém-chegado à Paróquia de Guadalupe.

Para completar está um conjunto de adolescentes acólitos e crianças de ambos os sexos, vestidos com batina branca.

No decorrer da missa – a purificação é feita através do fumo do incenso que predomina em quase todos os actos – grande parte dos cânticos litúrgicos são efectuados em língua Forro⁷. Grupos distintos de jovens que vão transportando, de acordo com a sequência da cerimónia: o “Missário”; o “Ostiário”, que chegam ao altar, vindos da entrada principal da Igreja.

No acto da oferenda⁸, os fiéis seguem “*escoltados*” por um grupo de jovens de ambos os sexos, trajados com a vestimenta utilizada pelos antigos dançarinos da Ússua⁹.

⁵ O acesso é feito através de uma escada.

⁶ Essas senhoras apresentam-se vestidas com roupas novas, confeccionadas com lindos tecidos. Umam vêm trajadas com o habitual kimoni e saia com um lenço amarrado à cintura. Outras utilizam vestidos, fazendo uso da membrá (*roupa feita toda ela do mesmo tecido e com o mesmo feitio, usado, geralmente por elementos do sexo feminino*). As melhores jóias ornamentam o pescoço dessas senhoras

⁷ Para além da língua Forro (falada nas duas principais ilhas) existem mais duas outras, nomeadamente: o Lingu'yíé (falada maioritariamente na ilha do Príncipe) e o Angolar (falada nas regiões costeiras de todo o país). O crioulo cabo-verdiano é também falado por um considerado número de habitantes, predominantemente na ilha do Príncipe. Esses cânticos fazem lembrar a música que se ouvia, antigamente nos «fundões».

⁸ Neste tipo de dádiva aparece de tudo um pouco, de acordo com as posses dos indivíduos. Desde produtos importados como o feijão, o arroz, a massa, o macarrão, o óleo alimentar, bolachas, cebola, alho, etc., até produtos locais como a banana, a matabala, a fruta-pão, o óleo de palma, a cana-de-açúcar, a vassoura, o peixe salgado, roupas, (entrega-se aos padres e estes vão distribuir para os mais necessitados, sobretudo nos asilos.)

A cerimónia da Procissão

Finda a Missa, passa-se de seguida a cerimónia da Procissão.

Vêm-se magotes de polícias¹⁰ a tentar controlar um trânsito, cujos motoristas, sejam eles, de táxis; de motos; ou ainda de civis que se dirigem à praia, tentam «furar» utilizando todo o tipo de artimanhas. Parece existir o princípio segundo o qual, o que é preciso é... safar!

Sai-se da Igreja, com os andores e faz-se um percurso ao longo da rua principal (única) da cidade. O senhor Bispo – fazendo uso de novas tecnologias - vai debitando passagens eclesíásticas, difundidas através de altifalantes: Pai-nosso; Ave-maria, entre outras, respondidas imediatamente pelos fiéis que são em número razoável.

A Banda da Música Militar¹¹ que acompanha a Procissão, já não tem o *glamour* de outras épocas. Os seus elementos apesar do esforço que se nota no rosto de cada um, apresentam-se vestidos com roupa civil pouco cuidada, sinal evidente dos problemas sociais (pobreza) que decorrem na nossa República.

O acto decorre sem a chama de outros tempos. A rua está pejada de carros, sobretudo, «*carros de praça*» com gente lá dentro que escuta calmamente a música radiodifundida através de potentes altifalantes. Alguns jovens que se encontram na via estão literalmente «*a leste*» de tudo. Permanecem sentados a «*kurtir*»...

Não se vê ao longo do percurso, nenhuma manifestação que nos diga que a Procissão vai a passar. Não se vislumbra em casa alguma, colchas reluzentes e outros apetrechos que eram colocados (no passado) quando a Procissão ia a passar.

A Procissão acaba como começou: chegada ao adro da Santa Igreja, os andores são recolhidos, a Banda de Música entoa algumas músicas (rebuscadas do reportório dos grupos musicais antigos que já desapareceram) e os fiéis enveredam por outra etapa da Festa.

Etapa seguinte

O ritual de «comer» atrás da Igreja.

Após o término da Procissão, alguns indivíduos dirigem-se para as traseiras da Igreja e vão ter o privilégio de almoçar.

Actualmente, esse ritual é feito de uma forma mais polida, ou seja os ocasionais comensais, sentam-se à mesa e almoçam calmamente como se estivessem num restaurante. Isto, naturalmente que foi adulterado.

⁹ Sobre a Ússua, ver a obra literária “Manifestações Culturais São-tomenses- apontamentos, comentários, reflexões”, (2011), 1ª edição, de L. Amado, pp. 154-158.

¹⁰ O comando da Polícia deve estar atento ao problema do atavio dos seus subordinados. À entrada da Esquadra da cidade estava um polícia do sexo feminino, fardada utilizando uns sapatos que mais pareciam, sapatos de quem vai para um baile de fim de ano. Num «posto» de controlo de trânsito, estava um polícia do sexo masculino utilizando por cima da farda um grande colar, provavelmente para enfeitar a farda.

¹¹ Julgamos que a tropa e o Ministério que a tutela, deveriam providenciar, no sentido de se comprar equipamento musical novo e fardamento condigno (de cerimónia) para esses músicos que herdaram e ficaram com a incumbência de continuar a obra dos antigos músicos da Banda de Música da Polícia. Falamos de Galhardo (saxofone), de Quinino (flauta), de Pinho (flauta), de Alfredo (trompete) de Faleiro (flauta), entre outros que representaram brilhantemente a causa da música.

Kumé ni tlaxi glêsa¹², nada tem a ver com este tipo de representação. Mas os tempos ditam, de facto, as modas de acordo com as conveniências de cada momento.

Os grupos culturais convidados para a grande Festa foram, o Bulawê “Chão-chão” e o Danço Congo “Carrocel”. Na sua actuação, ambos os grupos revelam algumas passagens que têm a ver, aqui e ali, com o misticismo próprio das demandas que existem nesta África profunda e misteriosa.

Completam esse panorama, as célebres discotecas móveis e o conjunto musical Sangazuza conhecido na gíria popular como, «Sagode Poeira».

Quem são esses grupos culturais convidados?

Bulawê “Chão-Chão”!

Hoje, o Bulawê “Chão-Chão” constitui, seguramente um autêntico “caso de estudo” no panorama cultural São-Tomense. Surgiram no ano de 1982, com o nome de Bulawê “Amador”, adoptando posteriormente o pseudónimo de “Chão-Chão” dada a sua original forma de actuar.

O grupo é formado por 56 elementos, nomeadamente 30 mulheres e 26 homens que são os tocadores. Quando actuam dispõem normalmente de sete (7) microfones e de uma (1) mesa misturadora. Utilizam duas (2) gaitas-de-beiços, cinco (5) tambores e cinco ou seis (6) chocalhos. O cantor principal é o homem do chapéu conhecido por Gaudêncio.

Os coros são feitos pelas mulheres, coadjuvadas pelo público que vibra com este grupo cultural, actualmente na moda em todo o país.

Originários do distrito de Lembá, mais propriamente do Bairro Água Toma, cidade de Neves, começam a sua actuação entoando o Hino Nacional ao som das gaitas-de-beiços e dos tambores. São dirigidos por uma comissão que integra três (3) elementos (dois homens e uma mulher). Os ensaios são feitos ao ar livre, devido ao facto de não disporem de uma sede, nem tão pouco recebem qualquer subsídio da parte do Estado e/ou de privados. Lutam com muitas e imensas dificuldades.

Profissionalmente existe de tudo no seio dos seus membros: professores, palaiês, carpinteiro, pescadores, alfaiate, motorista e afins. Uma parte significativa de elementos que integram o grupo não é escolarizada.

Danço Congo “carrocel”

Este Danço Congo¹³ surgiu na localidade de Almeirim, no ano de 1971. É constituído por cerca de trinta e oito (38) fêgula (figurantes) que tomam parte directa na representação. Têm todos os figurantes, incluindo o «opé-pó»¹⁴

¹² Kumé ni tlaxi glêsa significa *comer atrás da Igreja*. Este era um ritual fortemente marcado pelos «juízes» de festa e que passava de geração em geração, marcando o ponto mais alto de toda a cerimónia festiva.

¹³ Originalmente, o Danço Congo era exibido ao ar livre, nas clareiras do mato ou nos terreiros. É uma dança que surgiu em São Tomé e Príncipe, nos tempos de antanho, introduzida pelos trabalhadores (?) vindos, provavelmente da região do Congo. “(...) Normalmente é constituído por vinte ou trinta figurantes, destacando-se o «capitão», o «logos», o

Tem como presidente, na actualidade Jorge Nobre.

Lutam com dificuldades para se manterem, tal qual os outros grupos que fazem parte do espectro cultural do nosso país. Quem de direito, nessas andanças, parece «esquecer-se» desses grupos que mantêm - embora com limitações de toda a ordem - a «candeia» daquilo que foi, no passado os traços da nossa cultura.

Há um pormenor curioso neste grupo que apresenta uma mulher, a tocar chocalhos. Esse é um aspecto importante a salientar, visto esse tipo de actuação ser exclusivo de elementos do sexo masculino.

Ela parece tocar com um vigor semelhante aos homens. Actua, vestida de calças, gesticulando tal qual os seus pares e, respondendo ao botadô di vúngu¹⁵. Os espectadores e os curiosos quando a vêm na secção dos instrumentos, junto dos homens ficam expectantes com a sua performance.

E assim terminou a festa da Nossa Senhor de Guadalupe do ano de 2014, que começou, justamente com bailes, e outros tipos de manifestações próprias desse período.

Para o ano que vem há mais...

«anso molê» (o anjo que morre), dois «anso cantá» (anjos que cantam), dois «pé-pau» (homens que executam as mais espantosas habilidades sobre duas andas, com as suas calças vermelhas de dois metros de comprimento). Quatro bobos, um feiticeiro, o «zuzuzugo» (ajudante do feiticeiro), o «d'jabo» (diabo), quatro tamboreiros, um tocador de ferros e sete ou mais dançarinos, além da «membra», dançarina que nem todos os grupos possuem..."

In REIS, Fernando, (1969) "Pôvô Flogá", Edição da Câmara Municipal de São Tomé, pág. 36.

¹⁴ Por razões que se desconhece o «opé-pó», não pôde aparecer na Festa de Guadalupe. Presume-se que seja por falta de lugar na pequena viatura que os terá levado.

¹⁵ Aquele que dá início à música. Os outros elementos acompanham-no, fazendo o coro, de acordo com a «fêgula» que vai entrar em cena.